

Projeto Travessia: Música e Mídia Numa Perspectiva Escolar

Eudes André Fernandes da Cunha

Neste trabalho o uso da mídia é de extrema importância, pois é através dos meios tecnológicos que o Projeto Travessia do Estado de Pernambuco, junto a fundação Roberto Marinho, tentam diminuir o déficit de escolaridade, ou seja, a correção de fluxo escolar, buscando equalizar as diferentes idades dentro do curso médio da educação básica. Dentro desse projeto, que recebeu o nome bem sugestivo de “Travessia”, existe o grupo de disciplinas, onde estão situadas o ensino de Música, Filosofia, Artes Plásticas, Sociologia e de Teatro, contendo um número de aulas que variam entre 10 e 20 aulas, em apenas um DVD para cada disciplina, diferentemente das outras matérias do currículo, como Português, Matemática, Ciências, Geografia, Inglês, Física, Química e História, que possuem um número bem maior de aulas, contando no mínimo com 40 aulas e atingindo até o máximo de 80 aulas dispostas em vários DVDs.

Esses déficits educacionais podem ter sido reflexos de políticas públicas ineficazes tomadas ao longo de nossa história por alguns de nossos governantes, mas não iremos pontuar e nem nos ater a essa questão neste trabalho, pois o nosso interesse é justamente verificar o uso da mídia na tentativa de se trabalhar a disciplina de Música no Ensino Médio de algumas escolas da rede pública do Estado de Pernambuco, através de um projeto específico de educação utilizado pela Secretaria de Educação do referido estado.

Através da sua localização geográfica, que se encontra na costa litorânea do nordeste brasileiro, ocorre não só o encontro o do atlântico com a massa de terra, mas também a miscigenação de vários grupos humanos, formando, de certo modo, como cita Gilberto Freire, em uma de suas obras, “Casa Grande e Senzala”:

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo - há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica pelo Brasil - a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas gerais, principalmente do negro. (FREIRE, 2004: p. 367)

Essa ideia de mistura humana ou miscigenação seria, entre as três matrizes principais, como foi citado acima, o índio nativo, o branco europeu e o negro africano,

TÃO LONGE... TÃO PERTO... A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

e, com o tempo naturalmente, outros povos que em momentos políticos e econômicos diferentes, entraram e indiscutivelmente ajudaram a compor ou a formar a sociedade pernambucana. O historiador Luiz Roberto Lopez também fala desse encontro entre os três povos:

Os defensores da “natureza pacifista e cordial” do povo brasileiro, inclusive Sérgio Buarque de Holanda, que ninguém ousaria classificar de intelectual conservador, apreciam dizer que o Brasil foi o berço da “democracia racial” e que a cultura brasileira é resultado da “harmonização” da tríplice herança indígena, negra e europeia. (LOPEZ, 1997: p. 16)

Como podemos perceber, vários autores atestam em seus estudos a ideia de “mistura de raças,” ou o que podemos chamar de “processo miscigenar” que ocorreu não só no Brasil mas, também, em diferentes partes do mundo. De certa forma, isto nos leva a crer que esse fenômeno, o da miscigenação, não seja uma doença nem uma deformidade social, mas talvez seja simplesmente uma condição da natureza humana quando estabelece contato direto e indireto com raças diferentes, e que aqui em nosso país, essa “teia” de contatos, tenha encontrado até hoje fatores favoráveis a essa situação.

Entendemos que o presente pode ser interpretado como o resultado de um passado. A partir desta compreensão, percebe-se que a grande parte do material humano que compõem as salas de aulas da atualidade, são consequências de eventos como os da miscigenação que ocorreram no passado (e que continua no presente), o que faz com que esses alunos(as) possam ser vistos, de certa forma, como resultado de políticas e economias desastrosas, juntamente com um projeto de massificação midiática ditada por uma política mercadológica. Sendo assim, esses grupos de indivíduos trazem para o ambiente escolar uma carga cultural que é inerente a cada um deles, e isso pode ser refletido fortemente em suas percepções e gostos musicais, tornando a sala de aula um lugar muito rico e, até certo ponto, democrático musicalmente falando. E quando se trata do Recife, a capital pernambucana, onde naturalmente ocorreu uma grande ebulição cultural, percebe-se justamente por causa da intensa miscigenação, que há uma grande quantidade de ritmos e gêneros musicais, como o Maracatu, Frevo, Ciranda, Baião, Xaxado, Forró, dentre outros tantos que se desenvolveram nessa região do Brasil. Esses são os mais tradicionais da região ou mesmo do local especificamente, porém também existe a aceitação e o consumo dos gêneros mais recentes como: o Manguebeat, Calipso, Funk, Pagode, Arrocha, Axé Music e o Brega. Esses são,

recentemente, o que podemos chamar de mais “populares” entre os demais já citados e nós também não podemos deixar de lembrar que ainda existe outro grupo de gêneros musicais que podemos chamar de ‘menos popular’, que são os que eles (os discentes) chamam de: MPB, Bossa Nova, Pop Rock, Samba de Roda, Cúmbia, Salsa, Merengue, entre outros, sendo esses últimos encontrados em lugares especializados ou reservados, como em algumas poucas casas de shows, mais conhecidas como gafieiras, que ainda resistem ao tempo, e as grandes boates.

É nesse universo manifestado em sala de aula, que, de certo modo, nós professores, nos deparamos com esta grande “salada mista” de gostos diferenciados por vários gêneros musicais. Uma das possíveis explicações para esta diversidade de identificação musical, mesmo que distante do nosso tempo presente, pode ser atribuída à questão da música imigrante que, de certa forma, chegou nas “bagagens culturais” de vários povos que aqui se fixaram ao longo de vários anos, e, outro fator mais recente, seria o mercadológico, ou seja, a música de massa.

Indiscutivelmente, a sala de aula em Pernambuco pode ser vista como um lugar pluralista em relação à questão de percebermos, claramente ou não, traços de uma forte miscigenação como já foi mencionado acima. Essa situação torna viável e talvez muito necessária as ministrações das aulas de música propostas pelo MEC e que estão na L.D.B., com a lei de nº 11.769. Já que cada grupo trás consigo uma identidade com relação aos gêneros musicais, além da influência da mídia corporativa que de certo modo seduz os ouvintes massificando em seus ouvidos aquela música ou gênero que se torna rentável, mesmo que seja momentaneamente, o estudo de música ou apreciação musical pode de alguma forma mostrar a esses alunos que existem outros ritmos e formas de músicas.

A grande questão é que essa lei não esta clara quanto ao ponto de quem está apto ou não a lecionar tal disciplina, apoiada no fato de que, segundo o veto do artigo 2, desobriga que o professor tenha formação específica em música sob alegação que nenhuma das disciplinas que estão no currículo da L.D.B. tenha essa especificidade. Sendo assim, o trabalho que poderia ser de extrema importância também pode não surtir tanto efeito com essa “brecha” na lei que permite que qualquer outro profissional da educação possa ministrar as aulas de apreciação musical ou musicalização propostas pelo governo. Obviamente é compreensível que a ideia da lei que regulamenta o ensino de música, não existe para tornar os alunos do ensino regular profissionais em música, mas que eles tenham um conhecimento mínimo que lhes permitam fazer reflexões

TÃO LONGE... TÃO PERTO...

A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

acerca dos variados gêneros musicais e ter uma visão mais ampla e menos ingênua a respeito da mídia corporativa e comercial, como também um conhecimento que lhes permitam reconhecer a existência de uma infinidade de outros ritmos e músicas, existentes não só no nordeste brasileiro, como nas demais regiões do Brasil e do mundo.

Como já mencionamos anteriormente, com a necessidade de se corrigir os fluxos, negativos é claro, da educação em Pernambuco, o governo estadual não só aderiu esse projeto, como também alguns outros projetos de ensino, como o Projovem Urbano, que é do governo federal, o Chapéu de Palha, que é do governo estadual e etc. Mas nenhum desses, inclusive o curso básico regular, ou seja, o ensino fundamental e o médio, não possuem a disciplina de música como manda a L.D.B., vale salientar. Neste caso o Projeto Travessia, pertencente a Fundação Roberto Marinho, se antecipou e já se adequou a lei que prevê o ensino de música nas escolas.

Mas é válido rememorar de que tudo isso teve seu início ainda na década de 1970, quando se inicia no Brasil a modalidade de EAD, Educação à Distância, numa época em que o nosso país se encontrava mergulhado em plena ditadura militar e a educação sofria forte pressão ideológica. Com isso não afirmo que a educação, em outros momentos e, principalmente, na contemporaneidade, esteja fora do enlace ideológico das forças dominantes, contudo, mesmo sendo um tema de extrema importância, essa questão não será abordada nesse trabalho.

A ideia de crescimento econômico e de desenvolvimento foram os argumentos utilizados pelos militares para a reforma educacional de 1972, na tentativa de justificar o aumento nas ofertas educacionais, que tinha como base uma formação mínima para o ingresso no mundo do trabalho entendido como o caminho para o desenvolvimento industrial e posterior tecnológico. E, pensando em resolver as lacunas de outrora, ou seja, o problema com a falta de oportunidades para uma boa parte da população brasileira, cria-se uma ideia de ensino à distância para uma parcela do povo. É nesse momento que surge o Projeto Minerva, que foi um dos mais importantes da época, surgindo em 04 de outubro de 1970, substituindo o MEB, que era um programa promovido pelo Movimento de Educação de Base, tendo como objetivo o desenvolvimento social e a conscientização da população marginalizada e desfavorecida das regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste. O Projeto Minerva foi fruto de uma parceria entre o Ministério da Educação e o Ministério das Comunicações, este acordo determinava que a transmissão desse programa ocorresse em todas as rádios e redes de TV do nosso país, tendo uma duração de 05 horas semanais. Este programa radio -

educativo tinha como objetivo a resolução a curto prazo dos problemas sociais, político e econômico que levariam o Brasil ao desenvolvimento industrial necessário para garantir do que se chamaria mais tarde de “milagre brasileiro”, pois se pressupunha que este tipo de educação serviria como preparação de uma mão-obra que faria frente ao desenvolvimento e a competitividade desejados pelo governo brasileiro em relação ao comércio internacional. Segundo Lima (1990), o objetivo do Projeto Minerva era o de propor uma alternativa ao sistema tradicional de ensino como formação que suplementaria a educação continuada.

O Projeto Minerva se estende até o início dos anos de 1980 e sofre severas críticas. Mesmo assim percebeu-se uma grande contribuição no sentido de abrir novos caminhos para novas tecnologias educacionais, o que fez surgir vários outros projetos como o Projeto Travessia, onde, dessa vez, seria uma iniciativa de um grupo privado juntamente com os estados brasileiros, ou seja, entre a Fundação Roberto Marinho e os vários governos da federação, dentre eles o de Pernambuco. A história desse projeto tem como pano de fundo o Telecurso 2º Grau, que foi criado pela Rede Globo de Televisão no ano de 1978, sendo esta emissora uma das maiores do país e também proprietária da Fundação Roberto Marinho, uma empresa sem fins lucrativos e que produz, em parceria com o Ministério da Educação e a Fundação Padre Anchieta, mantenedora da TV Cultura de São Paulo, este projeto que se torna a primeira experiência de “teleducação”, abrangendo quase todo território nacional.

Criada pelo jornalista Roberto Irineu Marinho, a fundação diz ter como uma das suas principais missões contribuir para o desenvolvimento da educação do país por meio do uso de meios televisivos ou de telecomunicações. Esse projeto mantém um formato que é utilizado até hoje, onde as teleaulas possuem duração de 15 minutos e são transmitidas diariamente para todo o Brasil por 39 emissoras, incluído a Rede Globo e afiliadas e mais 9 TVs educativas. Na TV Globo as aulas seriam exibidas pela manhã, e nas demais emissoras educativas do país seria em horários alternados.

Esse projeto, quando foi implementado nas salas de aulas em Pernambuco, pela Fundação Roberto Marinho, apareceu com outro nome e formato metodológico, Projeto Avançar, onde todas as aulas seriam ministradas apenas por um professor. Esse deve ter sido um dos motivos que fez com que este projeto tivesse uma curta duração, pois muitos docentes não se sentiam confortáveis em ministrar todas as disciplinas, mesmo possuindo toda uma metodologia que era passada em diversas formações e reuniões com os supervisores e, associado à isto, ainda não existia o conteúdo da disciplina de

TÃO LONGE... TÃO PERTO... A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

música. Lembro-me bem, pois tive a oportunidade de ser um docente do Projeto Avançar, dos professores que possuíam formação na área das Ciências Humanas tendo que ministrar as disciplinas da área de Ciências Exatas ou da Natureza e vice-versa. Isto gerou um grande incômodo, então, com o tempo, a Fundação e o governo do Estado resolveram mudar o nome e, logicamente, o formato. O título do projeto passou a se chamar “Travessia”, e as turmas são assistidas por dois profissionais em educação por turma, dentro das suas respectivas áreas de ensino, que podem ser em ciências humanas e em ciências exatas. Logicamente, agora se adequando à lei do MEC, com a implementação da disciplina de música.



Figura 1. Sala de aula do Projeto Travessia – Escola Áurea de Moura Cavalcanti
Governo de Pernambuco

Como já foi abordado alguns pontos históricos, necessita-se discorrer sobre a metodologia aplicada em sala de aula, especificamente nas aulas de música. Essas aulas se iniciam com uma pergunta geradora (figura 1), que logicamente se baseia no método de Paulo Freire, onde o docente prepara uma pergunta para os discentes a respeito do que eles acham que será estudado naquela aula (presumi-se que o professor já assistiu a teleaula para ter um conhecimento prévio do que será trabalhado), então lança-se a pergunta que provavelmente vai gerar um debate dentro da sala e em seguida o professor utiliza a mídia, normalmente passada num aparelho de DVD conectada à um televisor que estão na sala, e após finalizar a execução da mídia, três perguntas são efetuadas: O que você viu? O que você ouviu? E o que você sentiu? (figura 2).

Após as realizações dos questionamentos e com as devidas respostas, inicia-se o que é chamado de “leitura de imagem”, onde os alunos começam a descrever o que eles

TÃO LONGE... TÃO PERTO...

A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

viram, ouviram e sentiram ao assistir a mídia e só assim tem início as atividades do livro didático, ou o que o professor(a) tenha preparado para os alunos(as). As salas também possuem uma divisão por equipes que são: equipe de Socialização, equipe de Coordenação, equipe de Síntese e equipe de Avaliação. Essas quatro equipes possuem papéis bem definidos dentro da sala de aula, e cada equipe dessas possuem suas funções que ao longo do turno será desenvolvida, tornando as aulas, de certa forma, bem dinâmicas e menos cansativas e em todo este esquema metodológico o professor pode torna-se um mediador dentro da sala de aula, com as mais diversas situações que vão surgindo naturalmente.

No parágrafo anterior foi exposta a metodologia que deverá ser aplicada dentro das salas, mas é fundamental a compreensão sobre a funcionalidade dos conteúdos expostos nas mídias, durante as aulas de música dentro do Projeto Travessia. Como já foi mencionado anteriormente o curso de música desse projeto possui 05 teleaulas em um DVD, e um livro contendo 10 aulas, ou seja, para cada aula com a mídia, nós temos 02 aulas com o livro. Segundo Joaquim Santos:

As teleaulas apresentam informações e conceitos referentes aos conteúdos de cada disciplina e expressam a dinâmica da produção científica, histórica e cultural da sociedade. As teleaulas usam linguagens de televisão como dramaturgia, entrevista, documentário e animação. Esse formato estabelece relações entre os conceitos, aproxima-os do cotidiano e provoca questionamentos sobre o conteúdo apresentado.” (SANTOS, 2008, p. 08)

Nesse contexto a mídia consegue atrair muito a atenção dos discentes com as imagens, sons e cenas, e a primeira teleaula trata justamente da natureza do som, abordando a paisagem sonora e mostrando que, o conjunto de sons que imaginamos ouvir também pode ser entendido como uma paisagem sonora, havendo então a conceituação do som e suas classificações. São ainda abordadas as questões sobre as propriedades do som, buscando-se a compreensão do que seja Timbre, Duração, Silêncio ou Pausa, Altura e Intensidade. Logo em seguida entra a parte histórica discorrendo sobre a origem da música, retratando o Egito Antigo, o Antigo Testamento, a Grécia e por fim a música indígena, o que já leva para a música da Região Norte do Brasil, tratando de gênero musical e citando os principais gêneros da Região Norte, que abordam sobre a origem do carimbó e da utilização de diversos instrumentos idiofônicos e aerofônicos na execução desse gênero e também a dança sem esquecer de mencionar os traços da cultura negra e indígena nessa manifestação cultural.

TÃO LONGE... TÃO PERTO... A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

Ainda são estudadas as divisões dos instrumentos musicais, mais especificamente os instrumentos de percussão e a presença do sincretismo religioso, entrando a questão da pulsação e encerrando com andamento para entrar as atividades da primeira teleaula do livro. Mas na mídia não se encerra continuando ainda na primeira aula a questão da escrita que aborda o som e a pausa para dar continuidade na idéia de compassos, mostrando as figuras representativas da grafia ou escrita musical dos sons e das pausas e para encerrar a segunda aula do livro que equivale à primeira da mídia, mais uma sessão de gênero musical da Região Norte do Brasil que seria o boi-bumbá da Parintins, traçando um paralelo com as tradições mouras que aqui chegaram, e mais uma rodada de exercícios no final da segunda teleaula do livro e que seria o final da primeira teleaula da mídia.



Figura 2. Sala de aula em momento de questionamentos após exibição da mídia sobre música – Escola Áurea Cavalcanti – Governo de Pernambuco

Como vimos, esse projeto não trata o ensino de música com o intuito de profissionalizar os discentes do curso médio do ensino regular, mas de trazer sem dúvidas uma idéia de musicalização segundo a LDB, onde o aluno necessita do saber musical para o desenvolvimento de sua humanidade, para ampliar sua visão de mundo. O ensino de música com o uso de mídia pode ser visto ou encarado como uma ferramenta de grande importância para a educação contemporânea. Segundo Maria José Dozza Subtil:

“Entende-se que esse conhecimento pode e deve ser aproveitado no espaço escolar de forma a permitir que os alunos adquiram uma visão

TÃO LONGE... TÃO PERTO... A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

crítica do que consomem e se apropriem de uma bagagem musical significativa cantando, ouvindo, ritmando e ampliando repertórios. Nesse sentido pouco ou quase nada tem sido feito na escola.” (DOZZA, 2007, p.76)

E é com base nessa citação que eu encontro respaldo para a ideia de que o uso de mídias no ensino de música pode ser de extrema importância, pois entendemos que o uso das novas tecnologias como ferramentas que permitam o viés entre o ensino e a aprendizagem podem ser bem vindas e aceitas não só pelos docentes como pelos discentes. E ainda, baseado na citação acima, compreendemos que o ensino de música nas salas de aulas do Estado de Pernambuco também poderá contribuir para quem sabe minimizar os efeitos da massificação mercadológica dos gostos musicais, que afloram com grande veemência nas salas de aulas e, se tratando do Recife, capital pernambucana, cidade onde existem diversos gêneros e, conseqüentemente, gostos musicais, entendemos que o ensino de música pode fazer com que esses alunos percebam que existem outros tipos de músicas e ritmos diferentes e que de certo modo, também possam perceber as relações entre esses gêneros e as matrizes raciais que existem dentro das salas de aulas, não só no Estado de Pernambuco como também no resto do Brasil e no mundo.

Nesse sentido o Projeto Travessia da Fundação Roberto Marinho em parceria com o governo do Estado, tem feito um grande esforço para que essa mudança na concepção musical dos educandos ocorra juntamente com sua identificação ou pertencimento aos variados grupos étnicos que possam existir dentro dessas salas de aula, e nisso tudo o uso da mídia é de extrema importância, pois compartilha saberes culturais através da arte musical.

Referências Bibliográficas

- FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo, Global, 2004;
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo, Cortez, 1984;
- GADOTTI, Moacir. *Educar para um outro mundo possível*. São Paulo: Publisher Brasil, 2007;
- LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil Colonial*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1993;

TÃO LONGE... TÃO PERTO...
A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

MORIN, Edgar. *Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo, Cortez, 2002;

PERRENOUD, Phillippe. *A prática reflexiva no ofício do professor*. Porto Alegre: Artmed, 2002;

SANTOS, Joaquim. *Música – Ensino Médio*. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, 2008.

SILVA, Wagner Costa da. “Por Que eu Fiquei na Escola? Porque Tinha Televisão: O Uso da Mídia e o Sucesso do Telecurso 2000 Em Um Programa de Correção de Fluxo no Acre”. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012

SUBTIL, Maria José Dozza. “Mídias, músicas e escola: a articulação necessária.” *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 16, 75-82, mar. 2007.

Breve Biografia

Eudes André Fernandes da Cunha, nascido em Recife/PE em março de 1975, é Licenciado em História pela FFPNM/PE, especialista em Metodologia do Ensino Superior de História pela UFRPE, especialista em Psicologia na Educação pela UFPE. Atualmente é professor da área de Ciências Humanas do Projeto Travessia do Governo do Estado de Pernambuco e também professor-estagiário do Conservatório Pernambucano de Música, lecionando a disciplina de Saxofone. Atua também como saxofonista profissional em restaurantes, bailes, formaturas etc.